

OFICINAS PEDAGÓGICAS: DIÁLOGOS SOBRE CARREIRAS NA PERSPECTIVA DE GÊNERO¹

Rosiléia Castro Pereira²
Prof.^a Dra. Márcia Cristina Gomes³

RESUMO

Este artigo discorre sobre carreiras profissionais na perspectiva de gênero. Tais discussões fazem-se importantes diante da representação de homens e mulheres na sociedade e, como tais representações afetam as escolhas das carreiras, principalmente quando estas profissões estão carregadas de estereótipos de gênero, como aquelas que envolvem cuidado, atenção, consideradas profissões femininas e aquelas que exigem força, coragem e raciocínio lógico, ditas masculinas. Assim sendo, esse trabalho apresenta uma abordagem metodológica qualitativa e, para a sua construção, utilizou-se, quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório para a fundamentação da temática abordada assim como uma pesquisa -ação que se apresenta através de relato de experiência quando da realização de oficinas pedagógicas em três escolas da rede pública estadual de nível médio no município de São Luís/MA, resultado de um projeto de extensão cuja temática central era a educação e relações de gênero na perspectiva das carreiras. Essas oficinas contribuíram para que alunos/as compreendessem que não existe profissão de homem nem profissão de mulher e que essa divisão sexual do trabalho é uma construção social que tende a (re)produzir estereótipos que reforçam essa divisão, sempre colocando o que é masculino como superior ao que é feminino. Contudo, ressalta-se que mulheres e homens podem exercer as mais variadas profissões, que irão requerer uma profissionalização, o desenvolvimento de habilidades e ter aptidões para tal pois, compreende-se que os estereótipos de gênero não determinam a capacidade profissional de uma pessoa.

Palavras-chave: Gênero. Carreiras. Equidade. Estereótipos. Construção social.

INTRODUÇÃO

Durante um longo período os movimentos de mulheres, particularmente os movimentos feministas lutam em prol da equidade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Pois, apesar dos avanços obtidos ainda prevalece os ideários do patriarcado na organização social. Este privilegia as coisas ditas masculinas, em detrimento das femininas. Não se pode negar as conquistas de muitas mulheres frente às desigualdades de gênero, mas,

¹Artigo baseado em resultados finais de um Projeto de extensão, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Universidade Estadual do Maranhão - PIBEX.

²Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Luís/MA. Brasil. Autor(a) Email: rosileia019@gmail.com;

³Professora orientadora: Dra em Ciências Sociais PUC/SP, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Luís/MA. Brasil. Email: marciacrisgomes@hotmail.com.

notoriamente vive-se numa sociedade marcada por divisões de espaços públicos, onde prevalece a sexualização das carreiras profissionais justificadas ainda pelo androcentrismo e machismo presentes na sociedade. O direito ao saber sistematizado durante séculos foi negado às mulheres, pois elas estavam fadadas a cumprir apenas seu papel de mãe e esposa deixando a área do conhecimento científico apenas para os homens, pois para elas “toda atividade intelectual é desaconselhada por contrariar seu destino biológico” (TOSI,1998, p.379).

Assim, fica exposto que a educação das mulheres sempre esteve focada na preparação para o cuidado do lar, dos filhos e maridos sem dá a importância para a sua realização pessoal e profissional. Com isso, leva-se a refletir sobre a desigual inserção das mulheres nas diferentes áreas do conhecimento, onde as mais inclinadas às mulheres, são aquelas que envolvem cuidado, tanto no campo da saúde quanto no da educação e a carreira do magistério é uma delas, em especial aquela relacionada aos anos iniciais da educação básica.

A despeito ainda da desigualdade entre mulheres e homens em outras esferas da vida social, necessário se faz compreender como essas relações ocorrem e se reproduzem numa sociedade historicamente determinada. Segundo Cabral e Diaz (1998,p. 142) “gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.”

Com isso, pretende-se problematizar essas questões, partindo-se do caráter não natural e não essencialista de estar no mundo e a educação para as relações de gênero, inscrita na perspectiva transversal da organização do trabalho pedagógico, tem se constituído um tema relevante no tocante às práticas orientadas para discussão do preconceito e da discriminação contra as mulheres.

A questão de gênero e as relações de poder imbricadas na sociedade a partir dessa perspectiva já vêm sendo abordadas pela educação, em especial a educação formal, refletindo avanços, porém é necessário que se trabalhe mais essa temática no espaço escolar para que haja mudanças na forma de pensar e agir das pessoas e se crie condições para a igualdade de gênero.

Partindo desse ponto é que o estudo desse tema é justificado por considerá-lo relevante no contexto atual em que muito se discute na perspectiva da construção de uma sociedade plural, com justiça de gênero e menos desigual e a escola constitui-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas orientadas à superação do preconceito e da discriminação contra as mulheres.

A partir dessa análise é que se buscou dialogar com jovens do Ensino Médio da rede pública de ensino sobre a construção social das relações de gênero especificamente aqueles

relacionados às expectativas de carreiras, com vistas à desnaturalização de representações sociais. E para que esse propósito fosse alcançado fez-se necessário debater sobre valores femininos e masculinos presentes no espaço educacional formal, veiculadores de estereótipos que interferem na produção e reprodução de preconceitos de gênero no tocante às carreiras, assim como refletir sobre o preconceito e a discriminação de gênero que se manifestam no espaço escolar e identificar as carreiras na perspectiva de gênero, a partir dos olhares dos(as) jovens do Ensino Médio.

Para tanto, foram realizadas oficinas pedagógicas voltadas para a sensibilização dos(das) estudantes quanto à problemática dos preconceitos nas relações de gênero na sociedade e ainda voltadas para o trabalho de equidade de gênero nas relações sociais, o estímulo à formação do pensamento cidadão, com respeito à diferença e quebra de preconceitos e à desmistificação de estereótipos de gênero no tocante às carreiras.

METODOLOGIA

Para a consecução deste trabalho foi utilizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, pois se dá a partir de materiais já elaborados que podem ser jornais, artigos, livros, gravações, filmes etc, para o entendimento do tema e elaboração da fundamentação teórica e proporciona ao pesquisador contato com o que já foi tratado sobre o assunto proporcionando um novo olhar sobre a temática (MARCONI; LAKATOS, 2003). É exploratório pois, se dedica a “[...]desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” e assim formular problemas ou hipóteses garantindo uma visão geral do tema estudado proporcionando assim, um problema com condições de investigação.(GIL, 2008, p.27).Para tanto, utilizou-se estudos de autores como: Fraser (2006), Louro (2007), Scott (1995), Bourdieu (2012) entre outros.

A natureza deste trabalho é qualitativa que, para Minayo (1994), se preocupa com aquilo que não pode ser quantificado, trabalhando assim, com “[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.21-22).

A Pesquisa ainda formata-se de uma pesquisa-ação que segundo Gil, (2008) proporciona uma interação maior entre o pesquisador e os sujeitos participantes da pesquisa partindo de uma ação ou resolução de um problema. Portanto, a ação realizada neste trabalho que configurou mediante a realização de oficinas pedagógicas.

Segundo Candau (1995), a oficina pedagógica é um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confrontos e trocas de experiências. Foram realizadas 12 oficinas pedagógicas em três escolas do Ensino Médio localizadas nas áreas circunvizinhas à Universidade Estadual do Maranhão, *campus* São Luís/MA, com a participação de 288 alunos/as no total.

A realização das oficinas seguiu os seguintes passos: foram feitas reflexões sobre carreiras na perspectiva de gênero e discussão com base em questões integradoras. Em seguida, entregamos a eles/as uma ficha que continha algumas profissões, em que eles/as deveriam marcar se consideravam profissão masculina, feminina ou masculina/feminina. Os/as alunos/as dialogavam e marcavam a opção escolhida e, em seguida, abriu-se a discussão para toda a turma, onde eles/as apontavam as dificuldades encontradas na realização da tarefa e era o momento em que se questionava o porquê de uma determinada profissão ter sido indicada, por eles, sendo profissão para um determinado gênero e não para o outro. Após esse momento apresentamos nos slides algumas informações pertinentes para a compreensão do tema e reflexões sobre as representações das mulheres ao longo dos tempos, por meio do quadro: “Você Sabia?” que trazia recortes de mulheres nas ciências.

Para reforçar ainda mais o diálogo sobre gênero, levamos para os/as alunos/as assistirem ao documentário “Repense o Elogio” (RENNER *et al*, 2017), que faz uma reflexão sobre o poder da palavra, para que eles refletissem sobre como os padrões impostos pela sociedade tendem a rotular as pessoas de acordo como elas deveriam ser e que carreiras deveriam seguir. E o último passo realizado foi a avaliação da oficina com a dinâmica “A Mala”, que consistiu em um desenho de uma mala em folha de papel sulfite em que os/as alunos/as, após reflexão sobre a oficina, escreveram aquilo que consideraram ser “a bagagem” mais importante que levaram consigo da oficina.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Leta (2003, p.271) “historicamente, a ciência sempre foi vista como uma atividade realizada por homens”. Isso porque as mulheres eram vetadas do saber sistematizado, pois era algo considerado muito avançado para elas porque eram vistas como frágeis e delicadas, porém Tosi (1998) ao referendar a obra de Christine Pizan demonstra a presença do descontentamento e da resistência das mulheres, onde coloca que:

[...] se as meninas recebessem a mesma educação que os meninos e se lhes ensinassem metodicamente as ciências, aprenderiam e compreenderiam as

dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles; que as mulheres, que têm um corpo mais delicado e mais fraco que o corpo dos homens, demonstram inteligência mais viva e mais penetrante. (PIZAN apud TOSI, 1998, p.377)

Entretanto, essa educação foi algo que demorou a acontecer, as mulheres eram educadas apenas para cuidar do lar e assim qualquer atividade que não fosse destinada em função de seu papel de mãe e esposa era considerada imprópria. Segundo Tosi (1998), a atividade intelectual era vista como algo não propício e negada às mulheres, isso por “contrariar seu destino biológico”. Esse pensar reforça a sociedade patriarcal que até hoje está impregnada onde homem é o chefe da família, quem dá as ordens e que traz o sustento da família e a mulher deve realizar os afazeres domésticos. Essa ótica não leva em conta que a estrutura familiar vem se modificando onde famílias já não seguem aquela estrutura de pai, mãe e filhos e isso só tende a reforçar as desigualdades de gênero tão impregnadas na nossa sociedade, compreendendo-se por gênero “a diferença socialmente construída entre homens e mulheres.” (SALVAGNI; CANABARRO, 2015, p.92).

As discussões sobre gênero estão muito presentes nos dias atuais, porém não, é uma temática tão atual. O assunto vem sendo mencionado há muito tempo no contexto social, principalmente quando se refere às áreas produtivas, onde os valores masculinos e femininos são colocados como meios para a escolha do cargo/profissão.

[...]estas marcas identitárias das diferenças de gênero são alegações usadas pelo mercado de trabalho como justificativas pela não ascensão das mulheres, colocando a mulher como eterna parte constituinte de uma esfera inferiorizada, como também acontece com os negros, índios, dentre outros.” (SALVAGNI; CANABARRO, 2015, p.92-93)

É evidente que atualmente mulheres ocupando carreiras consideradas masculinas e vice-versa já é uma realidade vivida por muitos, porém Rosemberg (2001) relata que o sistema educacional brasileiro ainda possui uma tendência à segmentação sexual dos ramos de ensino. Ao acessar a escola mulheres estão propensas a buscar “cursos propedêuticos” e homens “cursos profissionais”. Isso ocorre porque meninos e meninas ao nascerem encontram uma sociedade cheia de normas que determinam como cada um deve se comportar e isso vem sendo reproduzido.

A divisão de tarefas sempre colocou o homem e a mulher em espaços diferentes: ele educado para ser o chefe da família responsável por trabalhar fora para conseguir o sustento do lar e ela para cuidar do lar, do marido e dos filhos. “A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica

entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 2012, p. 20).

A despeito ainda da desigualdade entre mulheres e homens percebe-se uma separação nos papéis desempenhados onde a desigualdade de gênero se torna evidente. Nessa direção, Nancy Fraser explica que

O gênero, por exemplo, tem dimensões econômico-políticas porque é um princípio estruturante básico da economia política. Por um lado, o gênero estrutura a divisão fundamental entre trabalho “produtivo” remunerado e trabalho “reprodutivo” e doméstico não-remunerado, atribuindo às mulheres a responsabilidade primordial por este último. Por outro lado, o gênero também estrutura a divisão interna ao trabalho remunerado entre as ocupações profissionais e manufatureiras de remuneração mais alta, em que predominam os homens, e ocupações de “colarinho rosa” e de serviços domésticos, de baixa remuneração, em que predominam as mulheres. (FRASER, 2006, p.233-234)

Dentre as reivindicações nos vários movimentos ocorridos para se alcançar esse poder, o direito à educação foi muito importante para que as mulheres alcançassem um lugar no espaço público. Leta (2003) relata que, essa mudança só ocorreu realmente na metade do século XX

[...]quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e às carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens.” (LETA, 2003, p. 271).

Apesar das mulheres já terem conquistado significativo espaço social e profissional, não estão isentas de preconceito e discriminação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenvolver das oficinas, observou-se que alguns/mas alunos/as já possuem um olhar diferenciado sobre a temática, porém sedentos de informações que possam ajudá-los/as a orientar esses olhares para um aprofundamento. Já outros possuíam muitas dúvidas em relação a gênero, fundamentadas principalmente em estereótipos presentes na sociedade. Eles expuseram suas opiniões e insatisfações diante de uma sociedade que ainda reproduz preconceitos carregados de estereótipos sobre gênero e sendo que, a contestação foi expressa com mais ímpeto em relação àqueles que ocorrem dentro de seus próprios lares, em que se pode observar diante do exposto por uma aluna ao relatar que pratica esporte e é integrante de um grupo de dança, mas é bastante criticada pela avó, que diz que "esporte é coisa de

homem” e que ela por ser mulher, deve ficar somente no grupo de dança que é "algo mais feminino".

Outra estudante relata que deseja seguir a profissão de policial, mas é desestimulada por pessoas próximas e dentre elas, membros de sua família, que criticam sua escolha pois, dizem que "ser policial é perigoso e é profissão de homem".

Esse tipo de discurso, está enraizado na nossa sociedade há vários séculos, e ainda reflete uma sociedade patriarcal, onde a divisão sexual do trabalho ainda é muito evidente. Os afazeres dentro de casa que são cobrados às meninas e dando uma maior liberdade aos meninos faz com que a desigualdade seja reforçada desde cedo e com isso, padrões são internalizados levando a interferir na vida profissional. Bourdieu; Passeron (1977), vem reforçando o papel da família na reprodução de uma sociedade patriarcal “[...] é, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem” (BOURDIEU; PASSERON, 1977, p.103).

Durante todas as oficinas realizadas, observou-se pelo discurso dos/as alunos/as, que estereótipos são colocados como forma de manutenção da organização social e que, além da família, a escola reforça a desigualdade de gênero, quando, segundo uma aluna, professores exigem das meninas letras bonitas e que os meninos devem ser bons de matemática.

Ao iniciar as oficinas os/as alunos/as foram questionados/as sobre o que eles/as entendiam sobre gênero, com o intuito de compreender seu conhecimento sobre a temática e a maioria das respostas eram: “gênero é ser homem e mulher; é masculino e feminino.”

O significado de gênero é uma construção histórico e social. Histórico, pois está sempre em processo de mudança. É social, pois não é “natural” e varia de uma sociedade para outra. Portanto, vai além de ser masculino e feminino. Para Scott (1995), gênero tem duas partes interligadas entre si, sendo a primeira um elemento que constituído a partir das relações sociais as quais se baseia nas diferenças percebidas entre os sexos e de acordo com a segunda, gênero está imbricado nas relações de poder.

Para demonstrar como os padrões impostos pela sociedade reforçam essa relação de poder e conseqüentemente, interferem na vida e em particular na escolha das carreiras é que, levamos um documentário intitulado “Repense o elogio”. Nele vem pontuando como o fato de elogiar uma menina desde pequena de princesa, linda, delicada, etc., e os meninos de forte, corajoso, herói, etc., reforçam as desigualdades de gênero e que limitam as pessoas. Esses

padrões impostos pela sociedade tendem a rotular as pessoas de acordo os padrões sociais esperados para cada um/a. Diante disso, Guacira Louro pontua que

[...]a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade, que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou osem experimentar. Sei que tudo isso está, seguramente, embaralhado com questões de poder (LOURO, 2007, p. 204)

Essa relação de poder é relacionada ao masculino, em que suas características e comportamentos são sempre valorizados na sociedade como positivos, superiores em relação ao feminino que é visto como inferior; com isso, as desigualdades são produzidas entre homens e mulheres, às quais não prejudicam somente elas, mas eles também, quando ao serem identificados com algo dito peculiar do feminino, os quais são considerados negativos, inferiores.

É partindo de discursos carregados de estereótipos reforçados pela sociedade que foi possível observar que os jovens tendem a confundir gênero e sexualidade, principalmente quando o tema envolve profissão. A partir de um posicionamento de um estudante quando ouviu uma colega da turma falar que na igreja em que ela participa o maquiador é homem e que ele também é o costureiro que faz as roupas das apresentações do grupo. O aluno disse que o maquiador “não é homem, é viado.”

Esse comentário ocasionou uma discussão bem calorosa entre os estudantes. Este mesmo aluno disse que “mulher não pode ser engenheira pois isso é coisa de homem”. Durante a discussão, ele foi chamado de machista, entretanto, retrucou que não era e que apenas acreditava que “algumas coisas mulheres não podem fazer, como construir uma casa, por exemplo”. Discursos como esses ainda estão bastante internalizados na nossa sociedade e sendo reproduzidos pelos jovens, o que torna tão importante essas discussões nas escolas.

Outro aluno de escola diferente, posicionou-se igualmente ao responder um questionamento sobre quais profissões poderiam ser exercidas por mulheres, homens ou por ambos, disse que “maquiador/a e cozinheira/o é coisa de mulher e homem que faz isso é viado.”

A partir desses relatos, pontuamos que profissão não determina a orientação sexual e que tanto homem como mulher podem realizar qualquer profissão pois, o que importa são as capacidades, habilidades e o conhecimento que possuem. Nesses dois casos, percebemos que tais alunos proferem discursos com a intenção de ofender e chamar atenção do restante do grupo no qual fazem parte. Vinholes (2012) relata que homens e mulheres que não

apresentam a forma de masculinidade e feminilidade exigida pela sociedade, estes são rejeitados.

Com relação às profissões e os padrões impostos pela sociedade, os/as alunos/as classificaram as profissões que exigem o ato de cuidar, com as mulheres e as que exigem força, raciocínio lógico, aos homens. Por esse motivo, os/as alunos/as foram questionados/as pelo fato de que, a maioria colocou a profissão de professor/a da educação infantil como profissão feminina e um dos alunos respondeu que “eu mesmo não tenho jeito com criança, isso é coisa pra mulher.”

As profissões que exigem cuidados sempre são indicadas para as mulheres. Consequentemente, Rosemberg (1994, p. 10) afirma que os homens e as mulheres continuam seguindo carreiras escolares diferentes e, portanto, “as mulheres tendem a seguir cursos impregnados de conteúdos humanísticos que se desbocam, imediata ou posteriormente, em profissões tipicamente femininas.”

Durante a exposição dos *slides*, trouxemos algumas informações para fundamentar o que estava sendo abordado. Trouxemos informações que mostravam algumas estratégias usadas no passado para afastar as mulheres do espaço público e uma delas era o fato de que se caso as mulheres forçassem o cérebro a trabalhar durante a puberdade, comprometeria seu ciclo menstrual e, consequentemente, sua função natural de reprodutora. Acrescido a isso tem-se também uma construção de que o natural das mulheres está voltado mais para a emoção do que para a inteligência, ou seja, além desses outros artifícios foram criados para tentar consolidar a dicotomia entre homens e mulheres.

Em outra parte do *slide*, trouxemos algumas mulheres que apesar das dificuldades enfrentadas, conseguiram romper com as barreiras impostas pela sociedade e que suas carreiras profissionais são exemplos de que todos, independentemente de ser mulher e que, contrário ao que colocavam como inapropriado para elas, conseguiram exercer a profissão que almejavam com competência e compromisso. Nesse momento, os/as alunos/as mostraram bastante interesse, pois ao serem indagados/as se conheciam aquelas mulheres, a maioria disse que não, apesar de serem mulheres que contribuíram grandemente com a ciência, uma das mulheres que aqui se destaca é Marie Curie, a primeira a ganhar o prêmio Nobel duas vezes em áreas diferentes e ainda ter descoberto dois elementos químicos (Polônio e o Rádio), além de várias outras conquistas como a descoberta da radioatividade e o desenvolvimento de um equipamento para realizar radiografias.

Porém, apesar dessas mulheres terem realizado grandes feitos e contribuído significativamente com a ciência, são pessoas que não possuem visibilidade pois, de acordo

com um aluno, eles ainda não tinham visto falar delas durante toda a sua trajetória escolar, os únicos relatos são de homens cientistas. Portanto, Melo e Rodrigues (2013) reforçam a importância de dá visibilidade para essas profissionais da ciência.

E para avaliarmos a oficina, aplicamos a dinâmica da “Mala”, que permitiu avaliar o impacto da oficina. Abaixo selecionamos somente alguns posicionamentos dos/as alunos/as, devido ao fato de serem muitos.

Precisamos de uma sociedade mais igualitária.
A minha maior bagagem que levo para a minha vida é que todos podem seguir a profissão que quiser sendo homem ou mulher.
Devemos respeitar as diferenças.
Devemos quebrar com esses estereótipos colocados pela sociedade.
Gênero ou orientação sexual de uma pessoa não determina a capacidade da pessoa ou a profissão que a pessoa deverá seguir basta ter vontade e correr atrás.
Que profissão não tem gênero.
Mulher pode fazer o que quiser.
Esta oficina foi importante pois trouxe para nós informações importantes para a nossa vida profissional.
As diferenças biológicas não devem ser usadas como impedimento para seguir determinadas carreiras.

Por meio dos relatos acima citados, podemos dizer que conseguimos alcançar os objetivos propostos neste trabalho, pois como podemos observar, os/as alunos/as conseguiram entender a proposta e viram que o respeito deve prevalecer primeiramente para que a sociedade possa ter uma visão de equidade de gênero. Portanto, esse é um passo importante na caminhada pela desmistificação de estereótipos com vistas à construção de uma sociedade que respeite a pluralidade e as diferenças entre sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta em busca de uma visibilidade na sociedade vem sendo travada pelos grupos de mulheres há muito tempo. Lutas por direitos iguais, respeito, reconhecimento e apesar de muitos direitos já alcançados, ainda há muito o que fazer para que possamos dizer que a igualdade entre os sujeitos existe e em especial ao se tratar de profissões, objetivo das oficinas pedagógicas aqui relatadas.

Atualmente já é possível observar mulheres realizando atividades consideradas masculinas e homens em profissões ditas femininas. Porém, essas mulheres ainda sofrem preconceitos pelo fato de serem figuras femininas e exercerem tais profissões, e isso é observado quando são pontuados que, é a mulher que fica grávida, cuida dos filhos quando

adoecem, enfim, realizam dupla jornada de trabalho e tudo isso é usado como forma de desqualificar profissionalmente a mulher.

Durante as oficinas muitos depoimentos foram feitos em que relatavam esses preconceitos e discriminações e através deles fizemos juntamente com os/as alunos/as reflexões que contribuíram para a desconstrução dessa dicotomia. Apesar de apresentarmos diferenças físicas, psicológicas, etc., elas não determinam nossas capacidades. Portanto, não é o sexo biológico que determina a capacidade de realizar determinada profissão e sim, a profissionalização, habilidades e aptidões de cada uma/um.

A família e a escola são duas instituições de grande importância no modo como as pessoas se reconhecem e se posicionam na sociedade. A família, como relatado pelos/as alunos/as é, em grande parte, uma das responsáveis por fazer a reprodução da divisão sexual do trabalho, com base em uma sociedade ainda patriarcal. Já a escola é um espaço propício e responsável no processo de desconstrução de estereótipos, discriminação e preconceitos acerca de homens e mulheres que reforçam e (re) produzem a divisão sexual do trabalho.

Portanto, compreendemos que promover diálogos educativos sobre o tema na escola é um caminho oportuno para reflexões e desconstruções de certos padrões de gênero que tendem a levar a preconceitos e, conseqüentemente à sexualização das carreiras. Nesse sentido, possibilitando um novo olhar para a construção de novos meios de relações entre homens e mulheres sempre levando em conta a busca pela equidade e o respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P., 1930-2002 **A dominação masculina**/PierreKühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/36538728/Pierre_Bourdieu_A_Domina%C3%A7%C3%A3o_Masculina. Acesso em: 4. jun. 2021.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: **Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora RonaLtda**, 1998. p. 142-150.

CANDAU, V. M. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Vozes, Petrópolis, RJ 1995.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229>>. Acesso em: 20 set. 2021

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2021.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, v. 17, p. 271-284, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/F8MbrypqGsJxTzs6msYFp9m/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 4 jan. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. (9ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, H. P.; RODRIGUES, L. M. **Pioneiras da ciência no Brasil**. 1º ed. SPM. CNPq, 2013.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

RENNER, E *et al.* **Repense o elogio**. Realização de Avon. Roteiro: Estela Renner. Música: Sound Design. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2017. (46 min.), P&B.

ROSEMBERG, F. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista estudos feministas**, v. 9, p. 515-540, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/PRcJxQzSFvnScngFpmcgKGR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 7 jan. 2021.

ROSEMBERG, F. A Educação de Mulheres Jovens e Adultas no Brasil. In.: SAFFIOTI, Haleieth e MUÑOZ, Vargas (org). **Mulher Brasileira é assim**. Rio de Janeiro: **Editora Rosa dos Tempos**, 1994.

SALVAGNI, J.; CANABARRO, J. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. **Revista de Gestão e secretariado**, vol.6, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 88-110 sindicato das secretarias(os) do estado de São Paulo. São Paulo, Brasil.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>> . Acesso em: 15 fev. 2021.

TOSI, L. Mulher e ciência. A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu** (10) 1998:p.369-397.

VINHOLES, A. Gênero e Identidade: Reflexões sobre o contexto escolar. In: **IX ANPED Sul Seminário de pesquisa em educação da região Sul, UFSM**, 2012. P.1-11.